

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

Leticia SANTINON
Eduardo FURTADO

A cidade onde as veredas se bifurcam:
o Rio de Janeiro visto por Machado de Assis e João do Rio

Trabalho Temático produzido para o
Curso de Graduação em Sociologia e
Política

São Paulo, 2008

A cidade onde as veredas se bifurcam: o Rio de Janeiro visto por Machado de Assis e João do Rio

“Se o Brasil é a terra da poesia, a sua grande cidade é o armazém, o ferro-velho, a aduana, o belchior, o grande empório das formas poéticas. Nesta Cosmópolis, que é o Rio, a poesia brota nas classes mais heterogêneas”, constata Paulo Barreto - mais conhecido como João do Rio - mas poderia ser também nosso Machado de Assis. Se uma cidade precisa de bardos para se projetar no consciente das pessoas através do tempo, então o Rio de Janeiro pode se considerar duplamente servido: pois tanto Machado de Assis quanto João do Rio celebraram a Cidade Maravilhosa em todos os seus escritos.

Um se tornou famoso pelos seus romances, outro, pelas suas incursões jornalísticas; mas se João do Rio lançou mão da crônica para descrever seu Rio de Janeiro, com Machado de Assis não foi diferente: seus romances têm o sabor da crônica pelo contato direto com o leitor, pela flexibilidade das suas frases, pelo humor ferino de suas observações. A crônica é o gênero literário que se naturalizou carioca, como depois provariam Drummond, Braga, Sabino e Mendes Campos (todos eles naturalizados cariocas, por sinal).

As trajetórias literárias de João do Rio e de Machado de Assis são completamente diferentes, porém há um ponto em que se cruzam: é quando o presidente Rodrigues Alves (1902-1906) resolve usar o dinheiro ganho com as exportações de café e comissiona o Prefeito Pereira Passos (1902-1906) para remodelar o Rio de Janeiro. É 1904, quando a Livraria Garnier lança “Esaú e Jacó”, de Machado de Assis, e João do Rio começa a escrever as crônicas que, quatro anos mais tarde, comporiam "A Alma Encantadora das Ruas".

“Os olhos de Aires tinham uma faculdade particular, menos particular do que parece, porque outros a possuirão calados. Vinha a ser que eles não saíam da página, mas em verdade já lhe prestava menos atenção, o tempo, a gente, a vida, coisas passadas, surdiam a espia-lo por detrás do livro com que tinham vivido, e Aires ia tornando a ver um Rio de Janeiro que não era este, ou apenas o fazia lembrado”, escreve Machado de Assis.

Ele certamente não viu a conclusão das obras embelezadoras da então Capital Federal, mas já sentia o peso da saudade na atmosfera da cidade: era o fim de uma época, que se anunciava enquanto escrevia seu penúltimo romance.

Já João do Rio viveu as transformações urbanísticas intensamente. Seu método de trabalho constituía-se em flunar pela cidade, o que para ele era uma arte, para a qual eram necessários um espírito vagabundo e nervos. Ele levou tão a sério seu método de trabalho que morreu na rua, em 1921, no Catete. Tinha 40 anos.

* * *

Machado de Assis faz seus personagens caminharem pela cidade, como se fossem o próprio João do Rio. Há três itinerários distintos pelo Rio de Janeiro, descritos por Machado:

1) Ao saírem da consulta que tiveram com a Cabocla do Castelo, Natividade e Perpétua descem o Morro do Castelo e passam pela Igreja São José, onde deixam uma quantia alta para que o irmão das almas reze uma missa às almas do purgatório. Feita a boa ação, o *coupé*, para fazer o caminho de retorno ao Botafogo, passa pela Câmara dos Deputados, Praia de Santa Luzia, seguido pelo Largo da Lapa, Catete e finalmente, Botafogo.

2) O Conselheiro Aires, ao decidir caminhar a pé pela cidade, sai do Catete e passa pelo Largo da Carioca, Rua da Carioca, seguido pela Rua 7 de Setembro e a Travessa São Francisco.

3) O terceiro itinerário é feito por Nóbrega, que agora já possui um nome próprio (não é mais o irmão das almas), e tem o seguinte trajeto: Rua São José, Rua da Misericórdia, logo após Praia de Santa Luzia, Rua Dom Manuel, uma praça não identificada que possuía uma catedral, a Igreja do Carmo e finalizando, Carceler.

Por esses passeios encontraremos Machado e João do Rio juntos em uma espécie de caminhada em uma cidade onde as veredas se bifurcam através do tempo.

1. TABULETAS

“Enfim, se a velhice chega, e eles não se vexam dos cabelos brancos, tomam conta do mundo, e acaso conseguem, não digo esquecer, mas aborrecer; entram na família do próprio sol, que quando nasce é para todos, segundo dizia uma tabuleta da minha infância. Tabuletas da minha infância, ai, tabuletas!”, lamenta Machado de Assis pela voz do Conselheiro Aires.

João do Rio parece concordar com Aires: “As tabuletas contam nossa vida”, escreve em uma crônica intitulada, justamente, “Tabuletas” - onde também afirma que o Rio de Janeiro está cheio delas.

Machado de Assis, ao contar o drama de Custódio com a tabuleta de sua confeitaria, reflete muito bem aquela condição das tabuletas. Aqui, já não é mais a dúvida sobre um nome que importa, e sim, o próprio regime de governo do país, uma questão que regula a vida de todos. A tabuleta de Custódio reflete intensamente a dúvida que pairou sobre o Rio de Janeiro naqueles dias de novembro de 1889:

“Queria inaugurar a tabuleta no domingo. Ao acordar de manhã não soube logo do que houvera na cidade, mas pouco a pouco vieram vindo as notícias, viu passar um batalhão, e creu que lhe diziam a verdade os que afirmavam a revolução e vagamente a república. A princípio, no meio do espanto, esqueceu-lhe a tabuleta. Quando se lembrou dela, viu que era preciso sustar a pintura. Escreveu às pressas um bilhete e mandou um caixeiro ao pintor. O bilhete dizia só isto: ‘Pare no D.’ Com efeito, não era preciso pintar o resto, que seria perdido, nem perder o princípio, que podia valer. Sempre haveria palavra que ocupasse o lugar das letras restantes. ‘Pare no D.’” O Brasil inteiro estava parado no D naquele 15 de novembro de 1889.

Talvez por classificarem a tabuleta como um registro das vidas a decorar as ruas, tanto João do Rio quanto Machado de Assis vêem algo a mais nelas. Em “Esaú e Jacó”, Machado descobre, na voz do Conselheiro Aires, que há uma filosofia nas placas do comércio: “Quaisquer que fossem as cores, eram tintas novas, tábuas novas, uma reforma que ele, mais por economia que por afeição, não quisera fazer; mas a afeição valia muito. Agora que ia trocar de tabuleta sentia perder algo do corpo, — coisa que outros do mesmo ou diverso ramo de negócio não compreenderiam, tal gosto acham em renovar as caras e fazer crescer com elas a nomeada. São naturezas. Aires ia pensando em escrever uma Filosofia das Tabuletas, na qual poria tais e outras observações, mas nunca deu começo à obra”.

Porém, João do Rio vê nas tabuletas uma filosofia estranha, que faz pensar, porque as placas são trágicas, patrióticas, poéticas, místicas... mas, acima de tudo, engraçadas: são “o grande livro colorido da cidade”.

2. POBREZA

A pobreza sempre foi um componente da vida social do Rio de Janeiro. Porém, seus mendigos não foram retratados com a sofisticação dos *clochardes* de Paris (temos em mente o retrato que Cortázar faz deles em “O Jogo da Amarelinha”). Machado de Assis e João do Rio associaram a malandragem à pobreza carioca.

Ambos também coincidem na abordagem que adotam para a questão: pela perspectiva da esmola, colocam-se no lado de quem as dá, e não no de quem as recebe.

Assim, Machado concebe Nóbrega, um irmão das almas que mendiga próximo ao Morro do Castelo. Ele recebe, no início do livro, uma esmola de dois mil réis, fruto da euforia de Natividade com o prenúncio de sucesso para seus dois filhos; no final do livro, Nóbrega reaparece, desta vez rico e pretendente à mão de Flora. O que operou a transformação da personagem? A nota de dois mil réis.

João do Rio começou, em maio de 1904, uma série de crônicas sobre a mendicância. Em “As Mulheres Mendigas”, que compõe a série, ele denuncia: “É preciso estudar a sociedade complicada e diversa dos que pedem esmola, adivinhar até onde vai a verdade e até onde chega a malandrice, para compreender como a polícia descarta o agasalho da invalidez e a toleima incauta dos que dão esmolos”.

Na sua crônica, João do Rio penetra pelo mundo da mendicância pelo relato de Pietro Mazzoli, “um mendigo cínico” no largo do Capim (que desapareceu em 1943, quando da construção da avenida Presidente Vargas) que já foi “cego, torto das pernas, aleijado de carrinho, corcunda, maneta, atacado do mal de São Guido”...

Porém, em Machado a malandragem demonstra ter, ao menos, consciência:

“Nóbrega saiu enfim do corredor, mas foi obrigado a deter-se, porque uma mulher lhe estendia a mão:

— Meu senhor, uma esmolinha por amor de Deus!

Nóbrega meteu a mão no bolso do colete e pegou um níquel, entre dois que lá havia, um de tostão, outro de dois. Pegou o primeiro, mas indo a dar-lho, mudou de idéia; não deu o níquel; disse à velha que esperasse, e entrou mais fundo no corredor.

De costas para a rua, introduziu a mão na algibeira das calças e sacou um maço de dinheiro; procurou e achou uma nota de dois mil-réis, não nova, antes velha, tão velha como a mendiga que a recebeu espantada, mas tu sabes que o dinheiro não perde com a velhice.”

Não é a “toleima incauta dos que dão esmolas”, nem o arrependimento pela traição a Deus (o beneficiário da esmola dada por Nóbrega) que faz Nóbrega dar os mesmos dois mil réis à mulher. É, na verdade, uma espécie de acerto de contas com a própria consciência o que justifica o ato do ex-irmão das almas: com a esmola dada, sua riqueza agora é honesta.

Além do mais, Machado deixa claro que a nota de dois mil réis, quando Nóbrega a recebera, equivalia a pelo menos vinte das que ele agora dera à pobre mulher. Em outras palavras, dois mil réis agora não passavam de uma gorjeta de cocheiro.

3. CLASSES SOCIAIS

“Tudo ali respirava a paz. Cocheiros e lacaios, barbeados e graves, esperando tesos e compostos, davam uma bela idéia do ofício. Nenhum aguardava o patrão, deitado no interior dos carros, com as pernas de fora. A impressão que davam era de uma disciplina rígida e elegante, aprendida em alta escola e conservada pela dignidade do indivíduo”.

Esse era o comportamento dos cocheiros, segundo Machado de Assis, durante o Encilhamento, uma época em que o dinheiro corria fácil pelo Rio de Janeiro. Em outra passagem, Machado fornece a dimensão social do enriquecimento súbito:

“O que parece ser verdade é que as nossas carruagens brotavam do chão. Às tardes, quando uma centena delas se ia enfileirar no Largo de S. Francisco de Paula, à espera das pessoas, era um gosto subir a Rua do Ouvidor, parar e contemplá-las. As parelhas arrancavam os olhos à gente; todas pareciam descer das rapsódias de Homero, posto fossem corcéis de paz. As carruagens também. Juno certamente as aparelhara com suas correias de ouro, freios de ouro, rédeas de ouro, tudo de ouro incorruptível. Mas nem ela nem Minerva entravam nos veículos de ouro para os fins da guerra contra Ílion. Tudo ali respirava a paz. Cocheiros e lacaios, barbeados e graves, esperando tesos e compostos, davam uma bela idéia do ofício”.

O Encilhamento ocorrera durante o mandato de Rui Barbosa no Ministério da Economia, em 1890; catorze anos depois, João do Rio encontraria uma situação muito diferente. Em “Velhos Cocheiros”, ele reencontra um velho criado, que o servira há vinte anos. Seu nome era Braga; começara a trabalhar como cocheiro em 1870. João do Rio fica chocado com a decadência física de Braga: “O Braga era um velho trapo encharcado. Tanto ádipo dava-me a impressão de que o pobre velho devia ter água nos tecidos”.

No entanto, o velho Braga era saudoso da Monarquia, porque naquela época as pessoas eram distintas; na República, todos eram iguais, ministros ou não. Apesar disso, João do Rio constata que os cocheiros não ficam ricos nem acumulam histórias vividas em seus carros; apenas levam e trazem, e morrem. Aos veículos também se passa o mesmo: Braga dirigia uma carruagem pré-histórica, que logo seria descartada.

Mudaram os veículos, mudaram as ruas do Rio de Janeiro. Apenas as profundas distinções sociais permaneceram.

“Era a primeira vez que as duas iam ao Morro do Castelo. Começaram de subir pelo lado da rua do Carmo. Muita gente há no Rio de Janeiro que nunca lá foi, muita haverá morrido, muita mais nascerá e morrerá sem lá pôr os pés”. Machado foi profético: em 1922, o Prefeito Carlos Sampaio manda pôr abaixo o Morro do Castelo para aterrar a praia de Santa Luzia, “onde se amontoam as cousas lúgubres da cidade”, segundo João do Rio, criando o aterro do Flamengo. Depois daquele ano, nenhum carioca poderia pôr os pés no que foi, uma vez, uma das primeiras aglomerações urbanas da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Tanto o Rio de Janeiro de Machado quanto o de João do Rio desapareceram. Os palacetes do Catete, que tanto despertavam a cobiça de Agostinho Santos, foram demolidos para dar lugar a edifícios mais altos. Grandes avenidas foram abertas, como a Presidente Vargas, a República do Chile e a República do Paraguai. E o crescimento da cidade começa a se deslocar para a zona Sul, na direção dos bairros recém criados de Copacabana, Leblon e Ipanema.

O processo de modernização do Rio de Janeiro faz das obras de Machado de Assis e João do Rio um documento histórico, que contêm a descrição dos então principais pontos da cidade, a importância e a impressão que eles, através de suas personagens, captam. O mesmo Rio de Janeiro é cenário da aristocracia de Machado e

das classes menos favorecidas de João do Rio. Qualquer que fosse sua classe social, era possível flunar com tranquilidade pela cidade, hábito que não pode ser cultivado atualmente. A cidade, antes convidativa a um passeio descompromissado, perdeu essa sedução: como qualquer cidade contemporânea, o Rio hoje é uma cidade para automóveis, e não para transeuntes. A modernização do Rio de Janeiro trouxe, ao longo do tempo, uma incapacidade em exercer a “arte de flunar”. Ainda hoje, como dizia Machado, há pessoas que não conhecem uma cidade inteira. O seu “porto seguro” é o que lhe basta da metrópole e do mundo.